

Relações perigosas

A PROXIMIDADE DE FLÁVIO BOLSONARO COM O LÍDER DE UMA QUADRILHA DE MILICIANOS PIORA A SITUAÇÃO DELE ÀS VÉSPERAS DA POSSE NO SENADO. E A DO GOVERNO DO PAI...

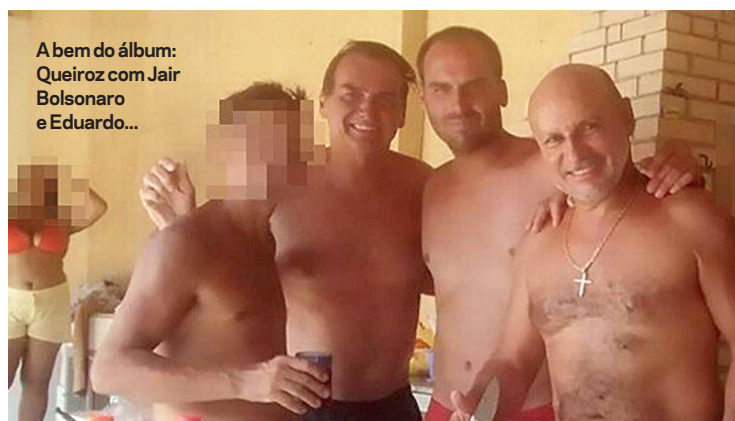
por ANDRÉ BARROCAL

Em 11 de dezembro fazia cinco dias que o caso Fabrício Queiroz, nebuloso amigo do clã Bolsonaro, viera a público, a revelar que o ex-PM tinha uma conta suspeita e dela saíram 24 mil reais para a primeira-dama, Michelle Bolsonaro. No plenário da Câmara, um deputado do Rio conhecedor das profundezas da política carioca, de Cunhas e Piccianis, comentou: “É impossível o Bolsonaro ter o padrão de vida que tem, que a família

tem, apenas com o salário de deputado. Vou terminar meu mandato com 500 mil reais a menos do que em 2014. Usei toda a verba do meu gabinete e ainda precisei botar dinheiro do meu bolso”. E arriscava um palpite sobre uma fonte de renda da família: milícias, devido às conexões do clã nos quartéis. “A milícia nada mais é do que um conjunto de policiais, militares ou não, regidos por uma certa hierarquia e disciplina, buscando, sem dúvida, expurgar do seio da comunidade o que há de pior: os criminosos.” Palavras ditas não agora pelo deputado meio milhão

mais pobre, mas em 2007, da tribuna da Assembleia do Rio, por Flávio Bolsonaro, o primogênito do presidente que tira o sono do pai e do governo.

A hipótese de vínculos milicianos do clã, contada por *CartaCapital* em dezembro, ganhou fôlego. Na terça-feira 22, o Ministério Público do Estado do Rio denunciou à Justiça 13 pessoas tidas como milicianos. Homens atuantes nas favelas de Rio das Pedras e Muzema, nas imediações da Barra da Tijuca, onde Jair e Flávio Bolsonaro possuem apartamentos. São acusados de formação de



A bem do álbum: Queiroz com Jair Bolsonaro e Eduardo...



...e Flávio com o ex-PM



No seu tempo de deputado, sustentava que o objetivo dos milicianos era “expurgar do seio da comunidade o que há de pior: os criminosos”

quadrilha e homicídio. Tiveram a prisão preventiva decretada e cinco foram em cana. Os demais sumiram. É longa a lista de crimes imputados à rapaziada. Recepção de carga roubada, uso de lanças para esconder produto de assaltos, porte e posse ilegal de armas, extorsão de moradores e comerciantes com a cobrança de taxa de proteção, suborno de agentes públicos, agiotagem e, principalmente, construção, venda e aluguel de imóveis (ramo pelo qual Flávio tem paixão) em áreas griladas.

A denúncia acusa a quadrilha pelo assassinato de um comparsa em setembro de 2015. Júlio de Araújo foi morto com tiros na cabeça enquanto estava deitado na cama, cenário e circunstâncias que cheiram a queima de arquivo. “É uma organização criminosa violenta, que já atua há um bom tempo”, disse a

promotora Simone Sibilio em entrevista coletiva. Ela não descarta dedo dessa quadrilha no homicídio da vereadora Marielle Franco, do PSOL, executada há dez meses juntamente com seu motorista, Anderson Gomes. Desde outubro, o caso Marielle, inimiga de milícias, é apurado pelo Ministério Público Federal.

“É UMA ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA VIOLENTA, QUE JÁ ATUA HÁ UM BOM TEMPO.” RETRUC A PROMOTORA SIBILIO

Um miliciano do Rio, Orlando Oliveira de Araújo, o Orlando da Curicica, disse em depoimento que o assassinato foi obra de matadores de aluguel, um grupo de PMs e ex-policiais chamado de Escritório do Crime. É possível que milicianos de Rio das Pedras e Muzema pertençam ao tal “escritório”.

Ao mesmo tempo em que os milicianos eram presos e denunciados, houve busca e apreensão de provas, como seis armas. No QG da quadrilha, o condomínio Moradas do Itanhangá (bairro ao lado da Barra), foram achados 50 mil *cash*, 290 cheques de altos valores (10 mil reais, 20 mil) e um talão em branco, porém assinado. A operação foi batizada de Intocáveis, pelo fato de muitos milicianos da região já terem sido pegos



antes, uns 150, mas aqueles considerados líderes, não. O comando da quadrilha seria um trio fardado. Adriano Magalhães da Nóbrega, o “Gordinho”, de 42 anos, capitão da Polícia Militar até ser expulso em 2014 por trabalhar para um contraventor dos caça-níqueis, o “Zé Personal”, assassinado em 2011. Ronald Paulo Alves Pereira, o “Tartaruga”, de 43 anos, major da PM que em abril será julgado por participar de uma chacina de 2003. E Maurício da Silva Costa, de 57 anos, o Maurição, tenente reformado da PM denunciado em 2009 como miliciano e absolvido no Tribunal de Justiça do Rio (TJ-RJ).

E Flávio Bolsonaro com isso tudo? A esposa e a mãe do capitão Adriano, um dos foragidos, trabalharam em seu gabinete de deputado estadual no Rio até novembro, com salário de uns 6 mil reais cada uma. A primeira é Danielle Mendonça da Costa, funcionária desde 2007, início do segundo mandato de Flávio. A outra é Raimunda Veras Magalhães. Havia sido admitida em 2015 pela liderança do PP, partido do clã Bolsonaro na época, depois foi para o gabinete de Flávio, quando ele e a família entraram no PSC. Raimunda foi uma das pessoas que botaram grana na conta suspeita de Fabrício Queiroz. Depósito de 4,6 mil reais em 2016, conforme o Coaf, órgão federal de combate à lavagem de dinheiro. “Gordinho” obteve ele próprio benesses de Flávio na Assembleia. Retóricas, no caso. Em 2003, Flávio propôs uma moção de louvor a Adriano, pelo “brilhantismo”. Em 2005, a Medalha Tiradentes, a mais alta condecoração da Assembleia.

Flávio disse em nota que a contratação da mãe e da mulher do miliciano foragido foi obra de Queiroz. “Não posso ser responsabilizado por atos que desconheço, só agora revelados.” Operado para a retirada de um câncer em dezembro em São Paulo, Queiroz confirmou a história através de nota de seu advogado. Diz

FLÁVIO JÁ PROPÔS UMA MOÇÃO DE LOUVOR AO “GORDINHO” E A MEDALHA TIRADENTES, A MAIS ALTA CONDECORAÇÃO DA ASSEMBLEIA CARIOCA

conhecer Adriano dos tempos em que pertenciam ao 18º Batalhão da PM, desconhecer a faceta “miliciano” dele e ter sido o mentor da moção louvadora. Sua intenção era levar o próprio “Gordinho” para o gabinete de Flávio, “em razão dos elevados índices de êxito na condução das ocorrências policiais registradas”. A nomeação da mãe e da irmã dele teria sido feita por “solidariedade”, quando Adriano foi “preso injustamente”.

O major Ronald, que foi preso e o MP afirma ter um padrão de vida incom-



Marielle teria sido assassinada por matadores de aluguel, entre eles milicianos

patível com o salário de policial, também mereceu uma moção de Flávio, um apoiador de milícia. No discurso em que definiu o que era uma, em 2007, ele defendeu a “categoria”. Era um momento de forte debate no Rio a respeito desse pessoal. No ano seguinte, a Assembleia inclusive criaria uma CPI das Milícias. “Eu, por exemplo, gostaria de pagar 20 reais, 30 reais, 40 reais, para não ter meu carro furtado na porta de casa, para não correr o risco de ver o filho de um amigo ir para o tráfico, de ter um filho empurrado para as drogas”, disse Flávio. Seu pai é outro defensor de milícias, conforme registrado nos anais do Congresso.

Há mais razões para desconfiar de ligações de Flávio com milícias? E, particularmente, com essa de Rio das Pedras, recém-denunciada? Há. A vitória do azarão Wilson Witzel para o governo do Rio, em outubro. Na reta final da campanha no primeiro turno, Flávio e Witzel aliam-se. Participaram unidos de compromissos eleitorais. Em 22 de setembro, por exemplo, estiveram em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Era um ato de Flávio. “Agradeço também a presença aqui do candidato Wilson Witzel, que estamos acompanhando em algumas agendas”, disse o então concorrente ao Senado. Ali, Flávio portou-se como um bom Bolsonaro, família chegada a uma arma e uma farda, igual milicianos. “Bandido, com a gente, vai ser tratado como bandido. Ou é cadeia ou é cemitério.”

Witzel tinha 3% nas pesquisas. Na véspera do dia D, 10%. No domingo, surpreendeu nas urnas: 39%, o primeiro colocado. Um dia depois, um morador de Rio das Pedras chegou ao trabalho e contou uma história sinistra a colegas. No sábado à noite, milicianos tinham feito correr uma ordem entre os moradores. Era para votar no número 20. Nós, avisaram os milicianos, vamos conferir a votação. Se o número 20 não tiver ido bem, todo

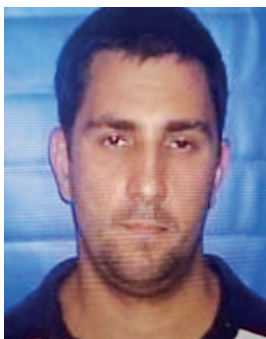


A Operação Intocáveis, dos 13 procurados, conseguiu prender 5, enquanto apreendem armas e valores no edifício da Barra

REGINALDO PIMENTA/RAW IMAGE/FOLHAPRESS, MÁRCIA FOLETTO/AG. O GLOBO E REPRODUÇÃO

mundo vai pagar. Ninguém na comunidade sabia quem era Witzel, nem que ele era o 20 na urna. Com medo de retaliação, muita gente votou nele. Na 179ª Zona Eleitoral do Rio, à qual pertence Rio das Pedras, o ex-juiz teve 34%. Na 119ª Zona, a de Itanhangá, a do QG da milícia, teve 41%. *CartaCapital* tentou ouvir o morador de Rio das Pedras que relatou a história. Ele não quis. Medo: “Essa terra tem lugar que não podemos entrar”.

Witzel é aliado dos Bolsonaro na facilitação de negócios com armas, efeito esperado da liberação da posse e da licença tácita para matar bandido (“É cadeia ou cemitério”). Em dezembro, pouco antes da posse, Witzel foi a Israel, reuniu-se com dois fabricantes de drones e prometeu comprar 50 deles para o Rio. No dia da posse de Jair Bolsonaro, havia em Brasília um equipamento de segurança chamado DataGo. Serve para rastrear, num raio de 6 quilômetros, todos os números de celulares, ligações entre eles



O “Gordinho” no comando da quadrilha

e o teor das conversas. Quem comprou? O Exército. Quem fabrica? Israel. Bem que uma ex-autoridade da área internacional do governo Temer diz: Eduardo Bolsonaro, o caçula do presidente, tem negócios com empresas israelenses.

Witzel viajou a Brasília para a posse presidencial e levou de carona no avião do governo um fã de Flávio e Jair, o juiz federal Marcelo Bretas, o da Operação

Lava Jato no Rio. No dia da eleição de Flávio ao Senado, Bretas festejou no Twitter: “Parabenizo os novos Senadores, ora eleitos para representar o Estado do Rio de Janeiro a partir de 2019, Flávio Bolsonaro e Arolde de Oliveira. Que Deus os abençoe!” Agora anda aborrecido com “críticas prematuras” ao governo, “claramente oportunistas”, conforme escreveu na rede social em 9 de janeiro. Não explicou do que se queixava. Dá para imaginar. Seus ídolos derretem.

Há mais pistas a apontar vínculos de Flávio com o que parecem milicianos e

com formas, digamos, heterodoxas de levantar *money*, conforme *CartaCapital* reportou em dezembro. Em agosto de 2018, início da eleição, dois PMs, os gêmeos Alan e Alex Rodrigues de Oliveira, foram presos, suspeitos de integrar uma quadrilha especializada em identificar empresários que poderiam estar fora da lei para extorqui-los em troca de deixá-los em paz. Ao todo, 44 pessoas foram alvo da Operação Quarto Elemento. Os gêmeos eram da campanha de Flávio ao Senado, na condição de seguranças. A irmã deles, Valdenice de Oliveira Meliga, era funcionária de Flávio na Assembleia, nomeada em maio de 2018. Era também tesoureira do PSL, o partido bolsonarista, no Rio. Até doou dinheiro à campanha de Flávio, 5 mil reais.

Será que histórias assim ajudam a explicar como os Bolsonaro fizeram campanha com poucas doações, como trombeteavam? Que ajudam a explicar como Jair e seus filhos Flávio, Carlos e Eduardo enriqueceram enquanto ganhavam a vida com verba pública em





Marco Aurélio Mello alfineta Luis Fux, autor da liminar a favor de Flávio

mandatos eletivos? O patrimônio declarado do quarteto à Justiça Eleitoral é de 6 milhões de reais. O grosso é de imóveis, aquele ramo em que a milícia de Rio das Pedras se meteu. Reportagem de um ano atrás da *Folha* mostrou que, em valores de mercado, os imóveis do clã valem 15 milhões. Entre a primeira vez que conquistou um mandato (2002), aos 21 anos, e eleger-se senador (2018), os bens de Flávio passaram de 25 mil reais (um carro Gol) para 1,7 milhão, dos quais 1 milhão em imóveis na Barra da Tijuca, vizinha de Rio das Pedras.

À Record, canal extraoficial do governo, Flávio disse no domingo 20 que faz grana como empresário. “O que eu ganho com a minha empresa é muito mais do que ganho como deputado.” Será? Ele é dono de uma franquia da Copenhagen, com sua empresa Bolsotini Chocolates e Café. A Bolsotini foi aberta por ele em janeiro de 2015. Foi declarada pela primeira vez à Justiça Eleitoral na sua campanha a prefeito do Rio em 2016. Segundo a *Folha*, porém, a maior parte das transações imobiliárias dele é anterior a 2015. Algumas, feitas de forma relâmpago, entre 2012 e 2014, teriam jeitão de lavagem de dinheiro.

Uma das últimas dessas transações aponta Flávio outra vez com nariz de

Pinóquio. Um relatório do Coaf identificou movimentações bancárias estranhas em uma conta dele. Entre junho e julho de 2017, houve 48 depósitos, num total de 96 mil reais. Motivo da estranheza: eram depósitos picados e sem autor. À Record, Flávio disse que foi parte do que recebeu ao vender um apartamento de 2,4 milhões em Laranjeiras, no Rio. O comprador, Fabio Guerra, confirmou a história. A escritura do imóvel, obtida pelo *Jornal Nacional*,

mostra outra coisa. Guerra pagou com outro apartamento, com uma sala comercial e mais 600 mil reais. Desse montante, 550 mil reais foram pagos em 24 de março de 2017. Os outros 50 mil, em cinco cheques, em agosto. Nada de pagamento em junho ou julho, o período dos 48 depósitos picados.

Além de eventuais elos com milícias, tomar parte do salário de seus funcionários na Assembleia é outra hipótese como fonte de renda de Flávio. Neste caso, Fabrício Queiroz, seu funcionário até outubro, é peça misteriosa. O Coaf identificou 5,8 milhões movimentados numa conta do ex-PM em 2015 e 2016, quantia a se somar ao 1,2 milhão já conhecido de 2017. É muito para quem embolsava uns 23 mil mensais, entre gabinete de Flávio e PM. Será que compra e venda de carros explicam suas movimentações, como o próprio Queiroz alegou?

Certo é que a dupla Flávio e Queiroz não cansa de surpreender, e a mídia não dá trégua. O filho de Bolsonaro era



Comovedor: Bretas e Witzel, enlevados



estudante e estagiário de Direito no Rio, entre 2000 e 2002, mas tinha emprego em Brasília. Era na liderança do PP, o partido do pai na época, e precisava dar expediente de 40 horas semanais por lá, conforme revelado pela BBC. Uma filha de Queiroz, Nathália Melo, foi contratada por quase dois anos no gabinete de deputado de Jair Bolsonaro, de 2016 a 2018, e estava obrigada às mesmas 40 horas semanais. O gabinete atestava que ela cumpria o horário, conforme a rádio CBN, embora Nathália fosse *personal trainer* no Rio. De 2007 a 2011, Queiroz arrancou, da Assembleia do Rio, um “auxílio-educação”, cobrado por ele para ajudar nos estudos de Nathália. Só que ela era funcionária da Assembleia, e por isso o pagamento era indevido. Queiroz foi descoberto e teve de devolver a grana, 16,7 mil reais no total, conforme o GI.

Nathália é filha querida. Ganha uns 10 mil mensais de gabinetes bolsonaristas e botou 86 mil na conta do pai em 2017, em várias parcelas, depósitos tidos como suspeitos pelo Coaf. Foi ela quem gravou um vídeo do pai dançando no caro hospital paulista Albert Einstein após Queiroz ser operado. A saúde foi usada pelo amigo do clã Bolsonaro para dar o bolo em depoimentos ao MP do

FLÁVIO DISSE À RECORD: “O QUE GANHO COM MINHA EMPRESA É MUITO MAIS DO QUE GANHO COMO DEPUTADO”

Rio. Flávio também não deu as caras. Tinha sido convidado a depor dia 10. Se não quisesse, que indicasse outra data. Não fez nem uma coisa nem outra. Tem preferido reclamar: “Por que essa perseguição comigo?” E atacar autoridades: “Descobri que o MP estava me investigando ocultamente desde meados do ano passado e que meu sigilo foi quebrado de forma ilegal, sem a devida autorização judicial”. “Atrocidades”, diz.

Ao ser reempossado chefe do MP do Rio, no dia 14, Eduardo Gussem avisou que pode haver denúncia à Justiça no caso Flávio-Queiroz mesmo sem eles deporem. E que o órgão tem “provas documentais consistentes” dentro daquela investigação sobre bandalheira

de deputados e servidores na Assembleia do Rio, um total de 27 parlamentares na mira. Na segunda-feira 21, Gussem convocou uma entrevista coletiva e rebateu Flávio: “Se alguém cometeu alguma quebra de sigilo, alguma irregularidade, definitivamente não foi o MP do Estado do Rio de Janeiro”. Ele lembrou que a Lei da Lavagem de Dinheiro, de 1998, autoriza o Coaf a “requerer aos órgãos da Administração Pública as informações cadastrais bancárias e financeiras de pessoas envolvidas em atividades suspeitas”. Autorização inserida na lei em 2003. “Foi o governo Lula que permitiu ao Coaf conversar com o MP, o Coaf deixou de ser um órgão isolado. Hoje o MP também pode pedir ao Coaf, caso tenha algum procedimento aberto sobre uma determinada pessoa. É por isso que o Flávio Bolsonaro está enrolado”, diz um dirigente do Coaf no governo Lula.

Na sexta-feira 1º, o Supremo Tribunal Federal volta de 40 dias de descanso e aí vai decidir se segue normalmente no MP do Rio o que houver de investigação criminal relacionada a Flávio ou se o caso terá de ser conduzido pela PGR, em Brasília, tendo o próprio STF como corte julgadora. É uma dúvida existente pelo fato de Flávio ser senador eleito. Ele perguntou ao tribunal como ficava sua situação, uma tentativa de obter foro privilegiado, embora o primogênito do presidente diga ter solicitado apenas esclarecimentos. “É uma prerrogativa”, afirma. Deslavada hipocrisia bolsonarista, uma família colecionadora de frases contrárias ao privilégio. Exemplo: “Não quero essa porcaria de foro privilegiado”, disse o presidente em um vídeo na internet ao lado de Flávio, em março de 2017.

Inicialmente, quem vai tirar a dúvida de Flávio é o juiz Marco Aurélio Mello, o relator do caso. Ele deu pistas de que vai negar o foro privilegiado, extinto pelo STF em maio de 2018. Desde então, a



Alan e Alex sabe em quem se encostar, para colocar Valdenice no meio

NELSON JURISTF. CARLOS MOURA/STF E REPRODUÇÃO/IMÍDIA SOCIAL



Personal trainer no Rio, Nathália Queiroz foi empregada no gabinete do deputado Jair Bolsonaro em Brasília de 2016 a 2018

prerrogativa só vale para atos praticados por um congressista durante o mandato ou que tenham relação com o mandato. O que não é o caso de Flávio e seu amigo Queiroz. “Tenho negado seguimento a reclamações assim, remetendo ao lixo”, disse Mello publicamente. Para ele, “processo não tem capa, tem conteúdo”. Tradução: o juiz não pode olhar quem são as partes. Uma alfinetada no colega Luiz Fux, que no dia 16, na condição de plantonista do STF, deu uma liminar a brechar todas as investigações criminais do MP do Rio que resvalem em Flávio.

Será que Fux olhou a capa do processo? Há cheiro de compadrio no ar. O juiz tem um filho, Rodrigo. Este é diretor-jurídico da Federação Israelita do Estado do Rio, entidade que em seu site bota a foto de Fux como ilustração de seu canal



**CONVIDADO A
DEPOR NO MP
CARIOCA, FLÁVIO
NÃO DEU AS CARAS.
E AINDA RECLAMA:
“POR QUE ESSA
PERSEGUIÇÃO
COMIGO?”**

de TV *online*. Na véspera da liminar pró-Flávio emitida pelo pai, Rodrigo entrou com uma ação na Justiça, em nome da Federação, contra um chargista do jornal carioca *O Dia*. Aroeira desenhou Jair Bolsonaro e o premier de Israel, Benjamin Netanyahu, de braços dados em formato da suástica nazista. “Antisemitismo”, diz a ação. O presidente, como se sabe, morre de amores por Israel. Rodrigo é também advogado do Conselho Nacional de Praticagem, o Conapra, que defende os práticos, categoria que é uma espécie de guia para navio “estacionar” em portos. Os práticos já foram uma atividade restrita à Marinha, cobram o que querem, coisa de mais de 100 mil reais por serviço. São questionados na Justiça por donos de cargas cansados do que acham exploração. Vários dirigentes de empresas ou entidades de praticagem doaram grana para a campanha de Flávio Bolsonaro ao Senado.

Marianna Fux é outra filha do juiz do STF. É amiga de um homem forte do

REPRODUÇÃO/IMAGEM SOCIAL, IAN CHEIBUBI/FOLHAPRESS E FERNANDO FRAZÃO/ABR

A riqueza de Flávio Bolsonaro durante eleições e mandatos

São seus bens declarados à Justiça Eleitoral

2002

AO ELEGER-SE DEPUTADO ESTADUAL NO RIO PELA PRIMEIRA VEZ, TINHA

R\$ 25,5 mil

- Automóvel Gol: **25,5 mil**



2006

NA PRIMEIRA REELEIÇÃO, TINHA

R\$ 385 mil

- Apartamento em Botafogo: **350 mil**
- Automóvel Peugeot: **35 mil**



2010

NA SEGUNDA REELEIÇÃO, TINHA

R\$ 690 mil

- Apartamento em Botafogo: **350 mil**
- 10% de 4 salas comerciais na Barra: **268,2 mil**
- Automóvel Peugeot: **58 mil**
- Saldo em conta e aplicações: **4,5 mil**



2014

NA TERCEIRA REELEIÇÃO, TINHA

R\$ 714 mil

- Apartamento em Laranjeiras: **565,8 mil**
- Automóvel Honda: **105 mil**
- Saldo em conta: **43,5 mil**





O incansável Paulo Marinho poderia ocupar a vaga de Flávio no Senado?

governo Bolsonaro, Gustavo Bebbiano, secretário-geral da Presidência. Juíza do TJ do Rio, foi sócia de Bebbiano em um escritório de advocacia. Na casa do dono desse escritório, o famoso Sergio Bermudes, o pai de Marianna presidiu certa vez um casamento. O noivo era o empresário Paulo Marinho. Que vem a ser o primeiro suplente de Flávio

Bolsonaro no Senado. Marinho é outro personagem complicado em volta do primogênito do presidente. Declarou à Justiça Eleitoral em 2018 ter 752 mil reais em bens. Imóvel, nenhum. Em 2015, foi acionado nos tribunais de Miami por um ex-sócio, Nelson Tanure, numa disputa por grana. Tanure dizia que Marinho era dono de imóveis por lá. Em outubro de 2018, a Justiça decidiu que Marinho podia ser processado em Miami, por ser morador de lá, dado que ia com frequência à cidade. Bastou para ele e Tanure começarem a negociar um acordo.

Marinho será o herdeiro da vaga no Senado, caso o pior aconteça com Flávio. Pode acontecer? De Davos, na Suíça, Jair Bolsonaro deu uma declaração reveladora do espírito dentro de um governo desgastado pelo episódio. “Se, por acaso, ele errou e isso ficar provado, eu lamento como pai, mas



Gussem avisa: é possível haver denúncia à Justiça, mesmo sem Flávio e Queiroz deporem

ele vai ter que pagar o preço por essas ações que não podemos aceitar”, afirmou à Bloomberg. Embora, posteriormente, tenha dito à Record (para variar) que são “acusações infundadas” contra seu “garoto” feitas para atingir a ele, Jair. Antonio Hamilton Mourão, o general de pijama encarregado do Palácio do Planalto com o presidente no exterior, foi na mesma toada inicial do chefe. “Apurar e punir, se for o caso”, disse publicamente.

Será assim, enfraquecido, que Flávio assumirá o cargo de senador no dia 1º. Tão debilitado, que parou de tentar minar a candidatura do emedebista Renan Calheiros à presidência da Casa. Hoje favorito ao cargo, Calheiros até ergueu bandeira branca ao filho de Bolsonaro. “São fatos anteriores ao mandato. Não é papel do Senado julgar as pessoas”, disse a *CartaCapital* em dezembro. Para quem é enrolado em processos, posição compreensível.

Filho senador enrascado, bancada de deputados do PSL esculhambada pelo guru bolsonarista Olavo de Carvalho, por ter viajado à China recentemente. “Caipiras”, “palhaços”, tascou o guru, que acaba de se encontrar com o cérebro da extrema-direita mundial, Steve Bannon. Se a vida do governo Bolsonaro não está muito fácil com o Congresso fechado, imagine agora que o lugar reabrirá. •

2016

AO CONCORRER A PREFEITO DO RIO, TINHA

R\$ 1,4 milhão

- 50% apartamento na Barra da Tijuca: **851 mil**
- 50% de imóvel na planta em Laranjeiras: **423 mil**
- Automóvel Honda de **105 mil**
- Participação na empresa Bolsotini: **50 mil**
- Aplicações financeiras: **16,4 mil**
- Saldo em conta corrente: **8,5 mil**



2018

AO ELEGER-SE SENADOR, TINHA

R\$ 1,7 milhão

- Apartamento na Barra da Tijuca: **917 mil**
- Sala comercial na Barra da Tijuca: **150 mil**
- Automóvel Volvo: **66,5 mil**
- 50% da Empresa Bolsotini Chocolates e Café: **50 mil**
- Diversas: **558 mil**

